

LUIZE VALENTE



**SONATA EM
AUSCHWITZ**

1ª edição



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

V249s Valente, Luize
Sonata em Auschwitz / Luize Valente. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2017.

ISBN: 978-85-01-11133-3

1. Romance brasileiro. I. Título.

17-42282

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © Luize Valente, 2017

Design dos mapas e vinhetas: Mayara Lista

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-11133-3

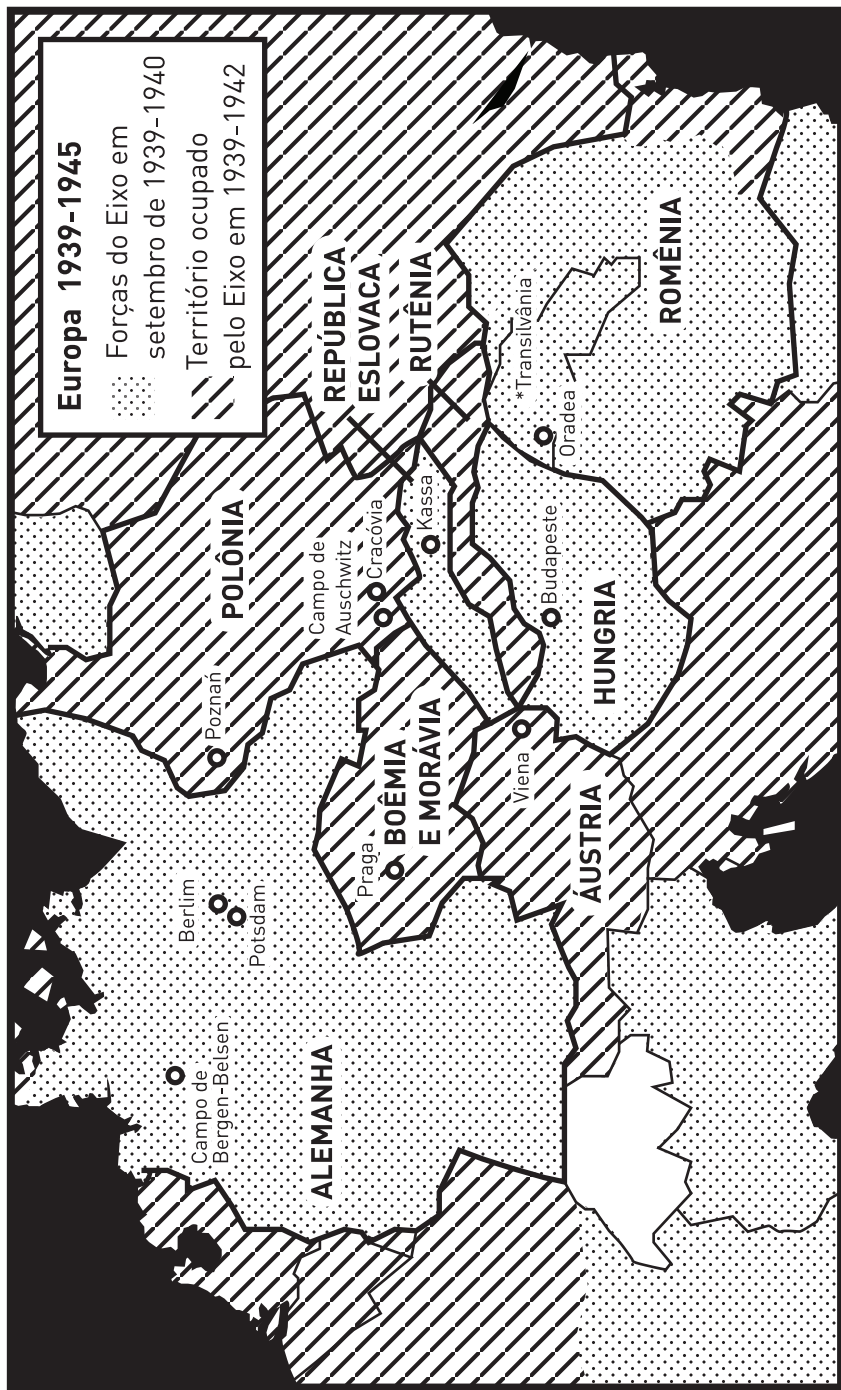
Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

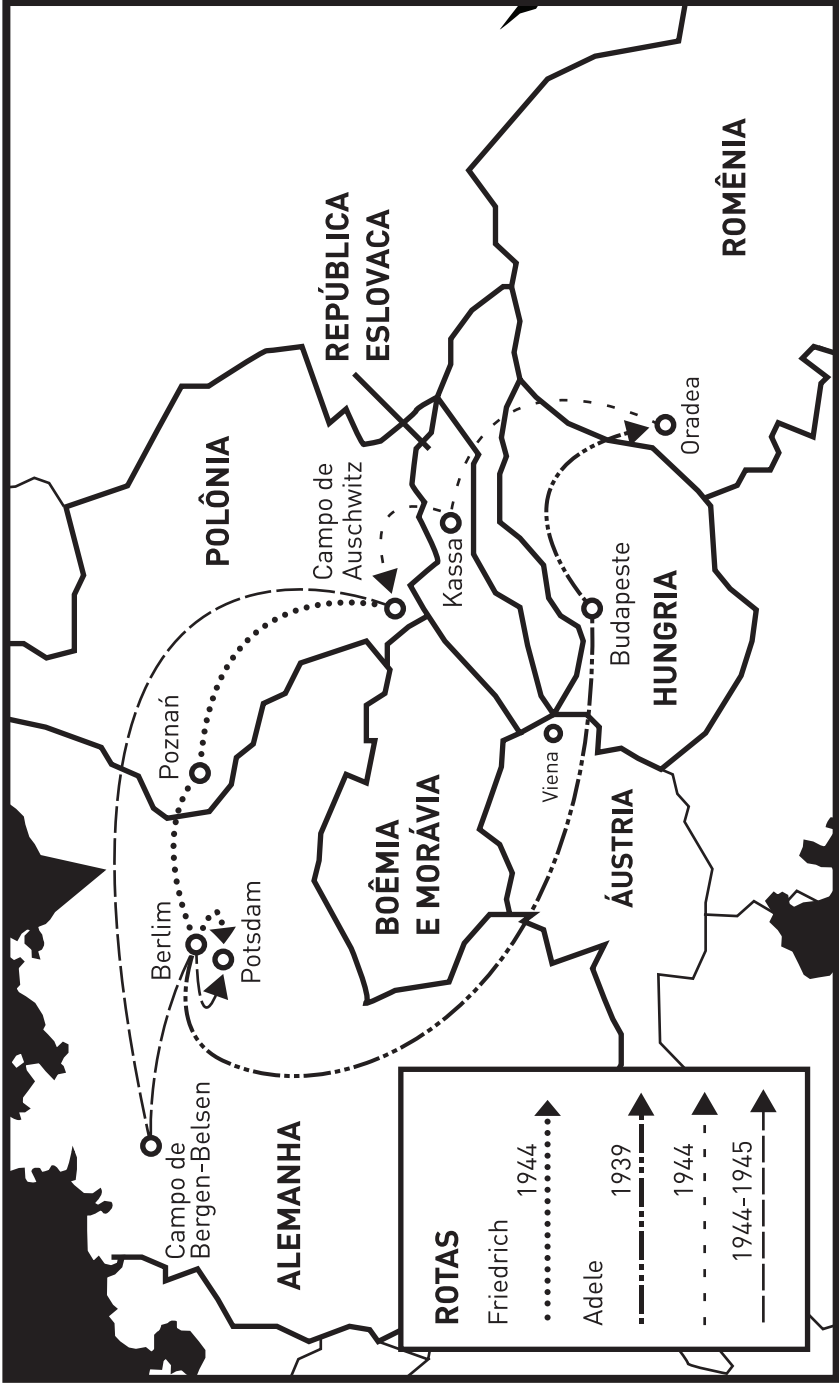


*Pensem bem se isto é um homem
que trabalha no meio do barro,
que não conhece paz,
que luta por um pedaço de pão,
que morre por um sim ou por um não.
Pensem bem se isto é uma mulher,
sem cabelos e sem nome,
sem mais força para lembrar,
vazios os olhos, frio o ventre,
como um sapo no inverno.
Pensem que isto aconteceu.*

PRIMO LEVI



* Parte da Transilvânia sob domínio da Hungria a partir de 1940.



I

O começo da linha

Polônia anexada, 2 de outubro de 1944

Os faróis baixos iluminavam a estrada sombria, deserta. Friedrich desviava de um buraco e outro sem reduzir a velocidade, que, ainda assim, era bem menor do que aquela a que estava acostumado. Pilotar era o que melhor sabia fazer, fosse no ar ou em terra. Em poucos quilômetros, chegaria a Słubice, na antiga fronteira da Polônia com a Alemanha. Já havia percorrido mais de dois terços do trajeto, a parte mais difícil.

Ao fundo, distinguiu a cabine do posto de comando. Havia passado por patrulhas em Katowice e nos arredores de Poznań. Não precisara desligar o motor em nenhuma delas. Apenas desacelerar, baixar o vidro, esboçar um sorriso seguro, fazer a saudação e tocar, de leve, o quepe. O Mercedes azul-marinho com bancos de couro vermelho, as patentes no uniforme e a cruz de ferro pouco acima do peito eram sinais mais do que suficientes para se saber que se tratava de um oficial importante, apesar da pouca idade. Talvez por isso não estranhassem que ele próprio dirigisse o veículo. Ou talvez aqueles soldados estivessem, simplesmente, cansados.

Friedrich tinha pensado em seguir para Berlim de trem a partir de Varsóvia, mas a cidade se transformara, havia dois meses, num campo de batalha entre alemães e combatentes da Resistência. Ele fora informado, por um agente da polícia secreta, de que a rendição dos rebeldes era

questão de horas. Varsóvia estava um caos, com corpos espalhados por todos os lados. O levante só não fora bem-sucedido porque os russos, acampados às margens do rio Vístula, não avançaram para auxiliar os combatentes. Os alemães foram salvos por uma manobra egoísta de Stalin. Disso Friedrich tinha certeza.

Com as atenções voltadas para o leste da Polônia, o trajeto para Berlim via Poznań lhe parecera o mais seguro. Até o momento, a escolha vinha se confirmando como certa. A cada patrulha, erguia o braço direito, elevava o tom de voz no “*Heil Hitler!*” e acelerava para continuar a viagem. Passara assim por todos os postos. Evitava estradas secundárias por temer uma emboscada dos *partisans* escondidos pelas florestas. O que Friedrich levava no carro era muito precioso e tinha de ser entregue, sem nenhum risco, num endereço em Berlim que já estava gravado em sua mente. As últimas quarenta e oito horas haviam sido as mais intensas de sua vida, e pareciam valer por toda ela. Não importava que russos, britânicos e americanos apertassem o cerco à Alemanha. Muito menos a lesão na vista, provocada por um estilhaço de bomba. Chegar a Berlim se tornara a *sua* guerra. E ele venceria de qualquer maneira.

— Logo, logo você vai encontrar sua mamãe — falou, enquanto voltava a cabeça para a parte de trás do carro.

A frase impregnada de doçura não combinava com o momento. No chão, atrás do banco do carona, uma cesta de vime — daquelas usadas em piqueniques — improvisava um berço. Um bebê minúsculo e rosado, com os dedinhos fortemente cerrados, próximos às bochechas, dormia. Lembrou-se do filho, que estava com quase dois anos, e que ele mal conhecia. Lembrou-se do que vira nos últimos dias. Em que Alemanha seu filho viveria? Antes fosse apenas o ônus de uma guerra perdida — já haviam perdido uma. Agora, haveria uma vergonha maior, a de ser alemão. Ele fazia parte *daquilo*, fora cúmplice. Aquela criança viveria, nem que ele tivesse de lhe dar a própria vida.

O posto de comando perto da antiga fronteira ganhava, a cada segundo, maior contorno. Friedrich tamborilava o volante com os dedos

indicadores. Estava quase lá. Não havia, até o momento, pensado nas consequências de seu ato. Sentir a vida pulsar em suas mãos o fizera esquecer, por instantes, o que vira nos últimos dias. Se existia inferno, era aquele lugar. Engoliu em seco e virou novamente a cabeça em direção à criança. Foi quando ela apertou os olhinhos e torceu os lábios numa careta. Era o prenúncio do choro. O posto se aproximava, faltava pouco mais de um quilômetro. Com certeza os soldados já haviam percebido os faróis do carro. Não poderia recuar. Nem no ar, nos instantes mais tensos que antecediam os bombardeios, se sentira assim, sem saber como agir.

Encostar o carro provocaria suspeitas. Até então, a viagem tinha sido tranquila. O bebê dormira embalado pelo trepidar do veículo. Diminuí a velocidade, o mais que pôde. Já vislumbrava dois ou três vultos na escuridão.

— Por favor, agora não... Por favor, não chore! — Virou levemente a cabeça. — Estamos tão perto! — Falava baixinho, como se implorasse. — Você está com fome? Aguenta mais um pouquinho... — Os apelos eram em vão, mas Friedrich insistia: — Só precisamos passar por esta patrulha... Você já aguentou tanto...

Como fazer um recém-nascido entender? Friedrich começava a se desesperar. Imaginava-se reduzindo a velocidade, baixando o vidro, os gritos do bebê ecoando no vazio da noite e ensurdecendo os guardas, que o pressionariam por explicações. Tinha dúvidas se conseguiria manter a calma. “*Heil Hitler!* Sou o capitão Friedrich Schmidt, estou a caminho de Berlim. É meu bebê, está com fome, anseia pela mãe, temos pressa!” E já imaginava a reação dos guardas. “Saia do carro! Documentos! Vamos ligar para a central. Há um tipo suspeito aqui.” Seria o fim para ele. Mas não era em si que pensava. Ele já estava acabado. Jamais voltaria a pilotar um avião. Cada condecoração que, um dia, fora motivo de orgulho era, agora, a prova das mortes que ele provocara em nome da vaidade e da loucura. Ser superior, predestinado! Fora o que ouvira ao longo dos seus vinte e quatro anos de vida. Jamais saíra da redoma. A família, o partido, o *cockpit* dos caças. Depois dos últimos dias, não

saberia olhar-se ao espelho e ver-se um homem. E, no entanto, surgira aquela criança no seu caminho. Aquele bebê — somente ele, um ser tão pequenino — ocupava sua mente, seu coração, cada milímetro da sua pele, e o fazia transbordar de algo que não sabia definir. Friedrich, pela primeira vez, sentia amor. Amor genuíno pela vida, na sua expressão mais pura e divina. Aquela criança seria a redenção, mas jamais apagaría o terror que lhe tomava o sono assim que fechava os olhos. Tinha pesadelos todas as noites, desde que chegara àquele centro de horrores. Ali, naquele carro, sentia-se novamente Friedrich, com quinze anos, ansiando pela vida que se apresentava à frente.

E foi de repente, como que na urgência de um milagre, que elas surgiram. Uma após a outra. As notas musicais dançavam à sua frente, se colocando, harmoniosamente, lado a lado. Friedrich cantarolou suavemente. E também suavemente os lábios do bebê, em vez de caírem no choro, foram relaxando até se acomodarem num singelo sorriso, acompanhado de uma leve respiração. Friedrich continuou entoando baixinho a melodia até parar o carro ao sinal da sentinela. Baixou o vidro. Mostrou o documento. O soldado bateu continência e ele seguiu. Não saberia precisar quanto tempo se passou, se foram minutos ou meia hora. Encostou o carro e trouxe o cesto para o banco da frente. Com muita delicadeza envolveu a criança nos braços. Sentiu a vida pulsar, forte, em suas mãos. Foi Friedrich quem chorou. O bebê abriu os olhos, para fechá-los em seguida e se aninhar no peito dele. E ele cantarolou, uma vez mais, a música que acabara de nascer, para não esquecer.

— *Für Haya*. É para você.

II

Frida

1

Berlim, abril de 1999

Uma data especial para os alemães. Depois de décadas, Berlim volta a ser oficialmente a capital da Alemanha reunificada. É um dia especial para mim. Vou conhecer a avó de meu pai: minha bisavó Frida. A minha chegada coincide com a reinauguração do prédio do Reichstag, a sede do Parlamento alemão.

Não é minha primeira viagem a Berlim, mas é como se fosse. Logo após a queda do Muro, seguimos — eu e outros alunos da Faculdade de Direito de Lisboa — numa excursão informal organizada pelo professor de Penal, um aficionado pelo sistema jurídico alemão, influência maior do sistema português. Ele costumava me chamar de Hafner, “a alemãzinha”. Naquele tempo, eu não tinha nem vinte anos, aquilo não me incomodava nem alterava em nada a minha existência. Nunca comentei com meu pai, nem em tom de brincadeira, simplesmente porque não se fala sobre o passado alemão dele em nossa casa.

Meu pai se considera um português pleno, ama o país mais do que se tivesse nascido nele. Chegou a Portugal por volta dos cinco anos, foi alfabetizado em português. Diz não se lembrar de nada de alemão e nunca se interessou em estudar. Conheceu minha mãe na faculdade, no começo dos anos sessenta. Logo se apaixonaram. Formaram-se em Direito, tornaram-se militantes, lutaram lado a lado contra o regime de

Salazar, foram perseguidos e seguiram para o exílio em Moçambique, onde eu e meu irmão nascemos. Ele, em 1968. Eu, em 1970. Deram-me o nome de Amália em homenagem à minha avó materna. Não eram fãs de fado. Eu agradeço a ironia, pois, ao contrário deles, adoro o lamento das guitarras que, coincidentemente, aprendi a ouvir com minha avó Amália. Foi também com ela que comecei a tocar piano, paixão que me acompanha até hoje. Chegamos a Portugal no Natal de 1974, meses depois da Revolução dos Cravos. Meu pai se naturalizou. Queria exercer o direito democrático do voto.

Com Gretl e Helmut, meus avós paternos, não temos a menor ligação, nunca tivemos. Nós fomos morar em Lisboa, eles viviam numa cidade pequena no Algarve. Lembro-me vagamente da primeira e única vez que os vi, depois que chegamos de Maputo. Lembro-me de uma discussão, um punho socando a mesa, eu e meu irmão construindo uma estrada com um baralho velho sobre o tapete da sala. Em seguida, minha mãe se aproximando, nos levantando pelos braços e sussurrando apressada: “Digam adeus ao vovô e à vovó, estamos indo para casa.” Fosse em qualquer outro lugar ou momento, teríamos feito a cara que antecede ao choro, mas, ali, naquele instante, percebemos que algo muito sério acontecera. Levantamos e partimos. Nunca mais encontramos os avós Gretl e Helmut. Jamais se comentou sobre este dia.

Como já disse, em minha casa não se fala sobre o passado, sobre a Alemanha, muito menos sobre Holocausto. Não que seja um tabu. Simplesmente não é assunto. Na escola, não havia judeus. São pouquíssimos em Portugal. Quando a Segunda Guerra entrou na grade de estudos, eu preferia tocar piano, ouvir música e organizar protestos estudantis, para orgulho de meu pai, que, ao contrário de outros, incentivava meus ideais anarquistas.

Venho ao encontro de Frida sem que ele saiba. Frida completará cem anos em alguns dias, um século vivido no século XX. Falamos ao telefone, pela manhã, e ela marcou de me encontrar num endereço elegante de Berlim: o bar do Hotel Kempinski, na avenida Kurfürstendamm — ou simplesmente Kudamm —, a rua mais badalada do lado oeste da cidade.

Chego duas horas antes. Tempo mais do que suficiente para caminhar na larga avenida com suas lojas de grife, restaurantes, cafés.guardo o anoitecer. Nosso encontro está marcado para as sete e meia. Lembro, mais uma vez, da primeira viagem a Berlim, com a turma da faculdade. Naquela mesma avenida — Kudamm — eu estava em julho de 1990. Em pleno verão, a viagem foi, mais do que tudo, diversão. Berlim era o coração da música eletrônica, a batida *techno* pulsava nos clubes noturnos. Os dois lados da cidade se uniam depois de tantas décadas divididos pelo Muro, e muito além dele. Mas a mim nada disso interessava. Muito menos o que acontecera antes da separação. Eu queria ir para as festas que transformavam os galpões e fábricas abandonadas em altares do *rave*. Naquela mesma avenida eu estava há nove anos, dançando com centenas de pessoas ao som de DJs que pilotavam *pickups* em carros abertos. A cidade era uma festa. Eu era jovem e o passado não importava.

Voltei dessa viagem achando Portugal retrógrado. Eu queria morar na Alemanha, dar um tempo no Direito e estudar música. O *techno* alemão tinha referências eruditas de compositores contemporâneos como Stockhausen. Era diferente, ousado. Eu tinha uma formação de piano clássico. Voltei decidida a pegar minha cidadania alemã. A viagem a Berlim — foram meros quatro dias — já havia sido motivo de discussão em casa. Meu pai fora contra. Não que tivesse de me dar permissão, eu era maior de idade. Precisava do patrocínio dele. Minha mãe intercedeu e ele acabou liberando o dinheiro. Na época, não me deu nenhum motivo concreto. Dizia apenas que achava um desperdício, um jogar dinheiro fora. Quatro dias em Berlim? Na certa, iríamos nos emburacar em bares, varar a madrugada, ir como zumbis às visitas guiadas pelo professor. Voltaríamos trazendo na bagagem apenas sono atrasado. Poderíamos fazer tudo isso em Lisboa e sairia mais barato, ele frisou, depois de preencher o cheque e sair batendo a porta do escritório.

Ele estava certo. Foi exatamente o que fizemos. Com a diferença de que, por alguma razão que hoje começo a entender, voltei com a irresistível vontade de viver em Berlim. Mas isto não dividi com ele. Guardei meus planos para mim. Comecei a estudar alemão com tanto afincamento que,

em um ano, já dominava a língua. Não parei mais. Ao mesmo tempo, foi crescendo meu interesse pelas causas ligadas aos direitos humanos e aos fluxos migratórios que começavam a surgir com a abertura do Leste Europeu. E, assim, o sonho de largar tudo e me dedicar à música *techno* me pareceu a maior bobagem de todos os tempos. Eu gostava mesmo era das dedilhadas clássicas. E também devo admitir: eu amava meu país e, como meus pais, iria lutar por um governo mais justo e igualitário.

Quase uma década se passou. Eu me formei, fui morar sozinha, fiz mestrado e doutorado em Direito Internacional, criei uma ONG voltada para refugiados de zonas em conflito na África. Estou sempre viajando, mas nunca mais voltei a Berlim. Estive duas ou três vezes na Alemanha, sempre em conferências em outras cidades. O piano, continuo tocando quase todos os dias. Música ainda é uma grande paixão. A vida seguiria assim, mergulhada no trabalho que amo, entre um namoro e outro, voando para cá e para lá, não fosse ter chegado sem avisar, na casa de meus pais, numa tarde de março, há pouco mais de um mês.

Tenho a chave da casa embora não more lá há anos. É uma segurança para eles, que também viajam muito, e para mim, quando preciso do ninho. Naquela tarde, especificamente, fui à procura de um livro, já nem me lembro qual, para emprestar a um amigo. Passava das quatro horas, certamente não haveria ninguém. Meus pais moram em Campo de Santana, o escritório deles fica a algumas quadras, na Avenida da Liberdade. Têm o hábito de almoçar em casa. Cícera vai lá três vezes por semana — quando ainda morávamos lá, eu e meu irmão, eram cinco vezes. Aspira milimetricamente os cômodos, espana os móveis e passa a flanela seca nos livros. Bartô morreu há três anos, mas é como se os pelos dele continuassem pelos cantos. Aquela tarde de março não era dia de Cícera.

Entrei no apartamento afobada, estava com pressa. Respirar o silêncio me acalmou. “Hello, alguém em casa?” A resposta foi mais silêncio. Fui direto para o quarto que continua meu. É um apartamento grande, com três quartos e um escritório anexo à sala. Os quartos são isolados da área comum por um corredor que começa num pequeno hall onde

há uma extensão de telefone. Olhar o aparelho me fez lembrar de uma ligação que precisava fazer ao ginecologista. Precisava adiar a consulta dali a dois dias. Não adiei. Quando levantei o bocal, escutei a voz de meu pai. Com certeza estava no escritório, com as portas fechadas. Por isso não me ouvira entrar. A reação imediata seria baixar o fone. Não o fiz. Meus dedos congelaram e suspendi a respiração. Meu pai falava em alemão fluente e perfeito com uma mulher. Era minha avó Gretl. Meu pai só se referia a ela pelo nome, não a chamava de mãe.

O diálogo entre ele e Gretl era seco, em tom moderado. As pausas de ambos me levaram a tapar o bocal algumas vezes para que não percebessem uma terceira respiração. Eu entendia perfeitamente o alemão, mas o teor da conversa era confuso. O que estava acontecendo? Quem eram aquelas pessoas de que eu nunca ouvira falar? “Ingeborg morreu, viúva de um industrial, não tiveram filhos, Frida está sozinha.” Gretl soltava as informações, em doses homeopáticas, sem nenhuma emoção, para um interlocutor igualmente apático. “Ingeborg é que manteve Frida por todos estes anos.” Ela continuava. “Agora só resta você” — mais uma intervenção sem resposta, até que ela subitamente deu corpo à voz, como se tivesse perdido a paciência. “Hermann, Frida completa cem anos em breve e quer vê-lo.” Direto, com a mesma entonação controlada com que falava com os clientes — bem diferente dos rompantes que tinha comigo e meu irmão —, meu pai respondeu: “Sinto muito, Gretl, não tenho nada a ver com essa gente. Não pertenço a essa corja.” Gretl rebateu, alterada. “Corja? Eu não admito que você fale assim. Frida quer vê-lo! Você jamais vai entender? Nós não somos culpados de nada! Seu avô, seu pai, eram oficiais! Cumpriam ordens! Lutaram para construir um país melhor para ingratos como você.” Mais um silêncio e nova resposta de meu pai. “Eu não vou entrar nessa discussão. Diga a verdade à Frida. Diga que não temos mais contato, que eu reneguei a família, fale o que quiser.” Gretl tentou mais uma vez. “Eu só voltei a te procurar, meu filho, porque Frida me contactou depois de décadas. Ela tem tido pesadelos com Friedrich. Frida não quer morrer sem falar com você sobre ele.” Gretl continuou, com um tom ferino. “Você, que

se intitula um defensor de causas humanitárias, seja humano com uma pessoa que em breve morrerá! Você acha que foi fácil pegar o telefone e te ligar? Meu único filho não fala comigo há mais de vinte anos! Me culpa por um passado que não escolhi!” À última frase se seguiu um silêncio de segundos que pareceu uma eternidade. Meu pai deu um suspiro e respondeu, mais uma vez, sem nenhum sinal de alteração. “Gretl, a resposta é não, não vou procurá-la, não vou discutir com você, minha família são minha mulher e meus filhos.”

Antes que ele desligasse, Gretl fez uma última tentativa. “Faça o que achar que deve fazer. Você sempre foi assim. Só ouve a si próprio. De qualquer forma, você vai anotar o número dela. Frida ainda mora em Berlim. Você vai anotar o número. Vou dizer à sua avó exatamente o que você me disse. Mas fique com o contato dela, quem sabe muda de ideia.” E começou a ditar os números do telefone, repetindo-os em seguida, bem devagar, para certificar-se de que meu pai anotara. Para mim, foi automático. Peguei uma caneta na gaveta do móvel e escrevi no dorso da mão. Os dois se despediram com frieza, sem promessas de novo contato nem recomendações à família. Esperei que o fone fosse colocado no gancho e imediatamente baixei o meu.

Meu primeiro impulso foi o de invadir o escritório e metralhar meu pai com perguntas: “Quem é você, afinal? Por que omitir o passado alemão? Por que nunca nos contou de Frida? Quem são Ingeborg e Friedrich?” Mas não o fiz. Peguei a bolsa e saí sem fazer barulho.

Agora, pouco mais de um mês depois daquela tarde, estou em Berlim. Encontrarei Frida em poucos minutos. Meu pai nunca soube que estive no apartamento naquela tarde. Muito menos que liguei para sua avó e marquei o encontro. Caminho com passos apressados em direção ao Hotel Kempinski. Quanto mais perto chego, mais medo sinto. Vou ao encontro do passado. E o passado não se pode mudar.